

humanitas

Vol. XIX Ž J

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XIX E XX



COIMBRA
MCMLXVII-LXVIII

TERESA MANTERO, *Ricerche sull' «Heroikos» di Filostrato*. Genova, Istituto di Filologia Classica e Medioevale dell'Università, 1966, 236 pp.

Ao ocupar-se de Filóstrato (II) na sua *Geschichte der griechischen Literatur*² (p. 870 da trad. esp.), Lesky observava que o *Heroikos*, atribuído com muita probabilidade ao sofista lémnio, não fora ainda objecto — ao contrário do que sucede com a *Vida de Apolónio de Tiana*, poderá acrescentar-se — do estudo integral e aprofundado que o seu interesse justificaria. Vários são, realmente, os problemas que levanta este diálogo entre um vinhateiro vidente do Helesponto trácio e um viajante fenício atraído pela fama da região, ilustrada pelo túmulo de Protesilau e, além-estrito, por outras sepulturas de heróis gregos e troianos. Indubitável parece a intenção de revitalizar o culto dos protagonistas do epos iliaco, assimilados a démones e venerados nos primeiros séculos da era cristã sob a influência do neoplatonismo e do neopitagorismo. Mas outras razões, conexas ou essenciais, se podem aventar que justifiquem a composição do diálogo. Uma vénia adulatória, por exemplo, em relação a Caracala, que, na sua viagem ao Oriente em 214, fora render homenagem aos túmulos dos heróis homéricos localizados na Tróade (Kayser, Münscher, Huhn)? Um nacionalismo romântico de grego que pretende renovar o passado (Schmid) e faz, mais ou menos conscientemente, obra de polémica anticristã (Bourquin)? Uma atitude desenfadada de sofista que escolhe um tema em voga, quer no campo filosófico e religioso, quer no literário, e se compraz em narrativas romanceadas e divagações de fantasia (Cessi, Katz)? Por outro lado, haverá em Filóstrato um propósito deliberado de correcção da saga homérica? Qual a parte do iluminismo e do folclore na contextura do diálogo? Estas e outras questões aguardavam um tratamento pertinente: devemos estar gratos a Teresa Mantero que uma por uma as soube afrontar, e oferecer para todas a solução mais elegante e convincente.

Resumimos as conclusões principais a que chegou. Filóstrato «faz obra de propaganda a favor da crença nos heróis-démones, quer em geral, quer em particular, ligados como estão com a saga troiana: mas [...] visa sobretudo à restauração do culto, flórido no passado e agora decadente, de Protesilau no Quersoneso Táurico, e de Palamedes na Eólida e, depois, ao renovamento das cerimónias em honra de Aquiles, como herói e como deus, na costa troiana» (p. 225). A evocação das superstições populares, que o sofista acolhe, «referentes à aparição de fantasmas armados, benéficos ou maléficos, na planura vizinha a Ílion e às sepulturas que a tradição atribuía aos antigos heróis, retirava à sua demonstração o carácter de pura academia» (p. 227). «O culto dos heróis é, para Filóstrato, a desforra do nacionalismo grego perante o sincretismo orientalizante dos Severos, aquele nacionalismo que não falta na *Vida de Apolónio de Tiana*, como observou Schmid, mas que ali permanece em segundo plano [...]. Depois da crise do paganismo olímpico e, com o tempo, também depois da do pensamento grego rematado em cepticismo, em que se desenvolverão alguns elementos anti-racionalistas que acabarão por se reduzir à teurgia na escola de Atenas, as tentativas para revitalizar os cultos locais, que coincidiam com as origens do povo grego, era como um regresso aos valores primitivos da nação»

(pp. 227-228). Teresa Mantero nega, com razão, que no *Heroikos* (como, aliás, na *Vida de Apolónio de Tiana*) se manifeste uma atitude anticristã, até porque, «um século antes do edicto de Constantino, a fé dos Apóstolos [...] não deveria parecer muito perigosa aos contemporâneos amantes do antigo. Na nostalgia de Filóstrato pelo passado há ainda o entusiasmo do propagandista e não a romântica atitude de revolta de Juliano» (p. 229). Por último, o sofista «não pode ser considerado um Ὀμηρομάχις, porque os seus juízos positivos sobre o Poeta são mais numerosos e importantes do que algumas afirmações levemente contrárias. Filóstrato aprecia sempre as fábulas como belas invenções poéticas, embora, por vezes, em conformidade com juízos acolhidos pela tradição literária de séculos, se devam censurar de um ponto de vista racionalista» (p. 229). «Ao aceitar mitos secundários locais, não se conforma a uma pura intenção sofística, antes adopta, ao mesmo tempo, na sua obra, uma tendência literária do tempo — o amor das narrativas romanescas [...]» (p. 230), que neste período teve larga voga, a ponto de ser admitido nas escolas de declamação.

Creemos que, de ora avante, a lacuna assinalada por Lesky se encontra satisfatoriamente preenchida. Inteligência e aplicação sobressaem a par neste livro bem pensado e bem executado que com proveito se estuda e com prazer se elogia.

W. S. M.

DINO PIERACCIONI, *Grammatica greca*. 6.^a edizione completamente rifatta. Firenze, Sansoni, 1968, 400 pp.

Seis edições em catorze anos — o livro saiu pela primeira vez em 1954 — e perto de cinquenta mil exemplares divulgados em Itália constituem decerto a consagração de um livro didáctico. Uma consagração que se não baseia na facilidade (a gramática de Pieraccioni não é fácil) e que, por isso mesmo, nos parece ainda mais merecida. Conhecemos uma boa dezena de gramáticas gregas publicadas em Itália nos últimos tempos; quase todas desenvolvidas, e algumas firmadas por professores de renome. Pensamos que nenhuma se avanta em clareza e ombridade científica ao livro de Pieraccioni; e que nenhuma o supera no esforço para conservar intactas, através de tão poucos anos, a actualização e a eficácia. A quinta edição, de 1962, utilizava já os dados mais seguros do micénico; a sexta apresenta-se «completamente refundida» na parte sintáctica, em obediência ao espírito dos novos programas do ensino secundário, que advogam uma exposição atida aos elementos essenciais, perfeitamente clarificados, e logo exemplificada nos textos, com a firme rejeição de minudências e excepções que só por solicitação directa dos passos deverão ser consideradas.

Bom trabalho o que Pieraccioni realizou neste campo, reescrevendo capítulos inteiros, em ordem a obter maior limpidez e melhor compreensão da estrutura do grego. O leitor das edições anteriores poderá, aqui e além, sentir-se «expatriado», mas reconhecerá, sem dificuldade, que a exposição actual — desafiada de por-

menores e, sobretudo, de geometrismo, melhorada na redacção e renovada no espírito — se adapta efectivamente às necessidades e ao gosto de um escolar do nosso tempo. Um capítulo, todavia, nos parece susceptível de melhor arrumação: o que se ocupa das partículas (pp. 312-317). Na versão actual, é pouco mais que um repertório de dicionário, com a desvantagem, considerável, de não trazer abonações que ilustrem os diferentes empregos. Também o capítulo das preposições (pp. 266-274) poderá ser retocado, para evitar a aparência desalentadora de mostruário lexical: cremos que poucos discordarão do tratamento simultâneo de preposições e prevérbios, mas certas precauções gráficas seriam vantajosas, quer neste caso, quer no tocante às diversidades de regência.

A primeira (*Nozioni generali e fonetica*) e segunda (*Morfologia*) partes do livro receberam apenas alterações de pormenor. Nem outras se impunham, realmente, dada a excelente vertebração que a matéria apresentava desde o início. Mas o aspecto gráfico, já muito satisfatório, foi ainda melhorado: é um prazer folhear esta gramática, onde os paradigmas se destacam com nitidez, sem nunca assumirem o aspecto rebarbativo de um cartaz de feira.

Ao aperfeiçoamento do livro, e à sua utilização (que é já uma realidade) por estudantes universitários, muito importaria que o A. se apartasse definitivamente de designações impróprias, embora enraizadas (até na obra de linguistas), como «tenui», «mute», «medie», «spiranti», «gutturali» (nota oportuna a p. 17), «classi» de adjectivos, «temi in -c- con elisione» (tipo *γένος*), «temi in -ωF-» (cf. Chantraine, *Morph.*², p. 72), «aoristo debole o primo», «aoristo forte o secondo», «aoristo terzo» (nota de rejeição a p. 166), «perfetto debole», «perfetto forte»; reparasse que em um ditongo não há duas vogais distintas (p. 12), «liquide» e «vibranti» não são sinónimos (p. 18), alongamento compensatório não é «scambio di quantità» (p. 19), a divisão silábica em latim não se faz exactamente como supõe (p. 31; cf. Niedermann, *Phon.*³, pp. 171-172), a queda do digama não deixa espírito áspero (p. 29), não se pode falar de «alternanza vocalica» em *uolo/juelim* (p. 20) nem em *laudaeram/laudaissem* (p. 136, n. 1), -ν (quer na declinação, quer no verbo) não procede de nasal sonante (pp. 49 n. 4, 139 n. 1; mesmo erro para -νται, -ντο, p. 140 n. 1), os genitivos arcaicos *deum, fabrum, liberum, nummum* não têm *u* longo (p. 139 n. 9), *ξένος* (p. 335) é um hipereolismo (Lejeune, *Phon.*², p. 137 n. 1), etc.; e se abstivesse de um certo número de explicações de *Augenphilologie*, como **ἔπ-δομος* > *ἔβδομος*, **ὄκ-δοος* > *ὄγδοος* (p. 26), *ῥάδιος* «dalla radice *ῥα* - + -ιδιος» (p. 89 n. 5), etc. Há várias coisas inexactas, e até contraditórias, no que se refere ao «cretense-miceneo» (designação infeliz: pp. 3-4); a divisão dialectal grega (pp. 4-5 e 332-333) poderia ser simplificada, de acordo com Chantraine, *Morph.*, p. 21; o alfabeto latino não procede directamente do calcídico de Cumas (p. 11), mas supõe um intermediário etrusco; em (*ἔ*)*κείνός*, **ἔνός* não é «suffisso» (p. 101 n. 2), mas pronome; a explicação de *ἔ-κατόν* (p. 111 n. 2) é discutível, pelo menos na formulação, e falta a de *χίλιοι*; etc.. Um esforço para a eliminação destes defeitos seria bem-vinda, e não duvidamos que Pieraccioni — autor de uma *Morfologia storica della lingua greca* (Firenze, 1966) — o desejará fazer. Já agora, uma última sugestão: porque não arrumar, na declinação, os três casos rectos antes dos dois oblíquos (nominativo, vocativo, acusativo; genitivo, dativo)? As vantagens didácticas e científicas parecem evidentes.

W. S. M.

DINO PIERACCIONI, *Lezioni di greco per il liceo, conformi ai programmi* 25 settembre 1967. Messina-Firenze, Casa Editrice G. d'Anna, 1968, 116 pp.

Limitar o conteúdo sem limitar o alcance era a vantagem que oferecia o título primitivo deste pequeno volume — *Lezioni di sintassi greca* (Messina-Firenze, 1959) —, agora refundido e ampliado em obediência aos novos programas oficiais da escola italiana. A modificação pode ter sido sugerida por razões de oportunidade comercial, mas não foi muito acertada. O livrinho trata exclusivamente de sintaxe; e fá-lo, por outro lado, com a elevação bastante para ser útil ao estudante universitário.

A sua intenção, realmente, é ajudar a «entender a estrutura do grego» (isto é: da sintaxe grega), porquanto — observa o A. no preâmbulo (p. 5) — «giunti alla maturità classica, non c'è un solo candidato che riesca a *interpretare* un facile brano di prosa greca, e dicendo *interpretare* si intende qui la comprensione non del senso generale, ma di ogni espressione e di ogni frase». Verificação desoladora, não há que negá-lo: o porquê estará na impreparação sintáctica, e noutros males mais profundos — o escasso domínio da morfologia, da língua pátria, dos subsídios culturais, a pobreza do gosto literário.

Diz Pieraccioni que «bem pouco de sistemático se encontra neste livro, à parte os índices finais» (ibid.): a afirmação, algo surpreendente para uma obra tão arrumada, pode admitir-se no sentido de que o autor se não preocupou com fazer uma recapitulação geral da sintaxe grega, mas considerou apenas os seus aspectos essenciais. A saber: a frase; o género e o número; o artigo; os casos; o valor adverbial do adjectivo, a expressão do termo da comparação; os pronomes pessoais e os pronomes relativos; a coordenação; o aspecto verbal; os tempos no indicativo e nos outros modos; as vozes; os modos nas proposições independentes; as proposições subordinadas; o infinitivo; o particípio; o discurso indirecto. Experimentemos conferir com o índice, por ex., da *Syntaxe grecque* de Humbert: à parte o estudo de algumas partículas (preposições, elementos de coordenação) — suficientemente importante para merecer, em edições futuras, melhor tratamento —, todos os demais assuntos estão aqui representados. O que não é pequena realização em livro com menos de cem páginas de texto principal.

Na exposição, forçosamente concisa, mas nunca sincopada, abundam os confrontos com o latim e as anotações complementares de morfologia histórica. Os exemplos, bem escolhidos, são tomados dos oradores (Demóstenes, Hiperides, Isócrates, Lísias), dos historiadores (Heródoto, Tucídides, Xenofonte), de Platão, de Luciano, mais raramente de Homero, de Hesíodo, dos Líricos, dos Trágicos e de Aristófanos; e vêm quase sempre traduzidos. Cada capítulo — exceptuam-se os mais breves, referentes a género e número, coordenação e vozes do verbo — é acompanhado de *esercitazioni*, extraídas de textos clássicos (Platão, os Oradores, e Homero dão o maior contributo; mas também ocorrem Luciano, Teofrasto e os Evangelistas), e providas de breve orientação inicial e notas em rodapé que facilitam o trabalho do aluno.